

CAFÉ "MAJESTIC": UMA NOVO ROSTO NO IMAGINÁRIO DA CIDADE

Restauro respeitou o seu passado

Foi um café com história. Faz parte do património afectivo e cultural da cidade e durante muito tempo foi local de encontro de alguns nomes importantes da cultura. Leonardo Coimbra, Pascoas, Souza-Cardoso e Régio foram alguns dos escritores e artistas que escolheram o espaço para tertúlias políticas e debate de ideias.

Manuel Vitorino

Texto

Henrique Moreira

Fotos

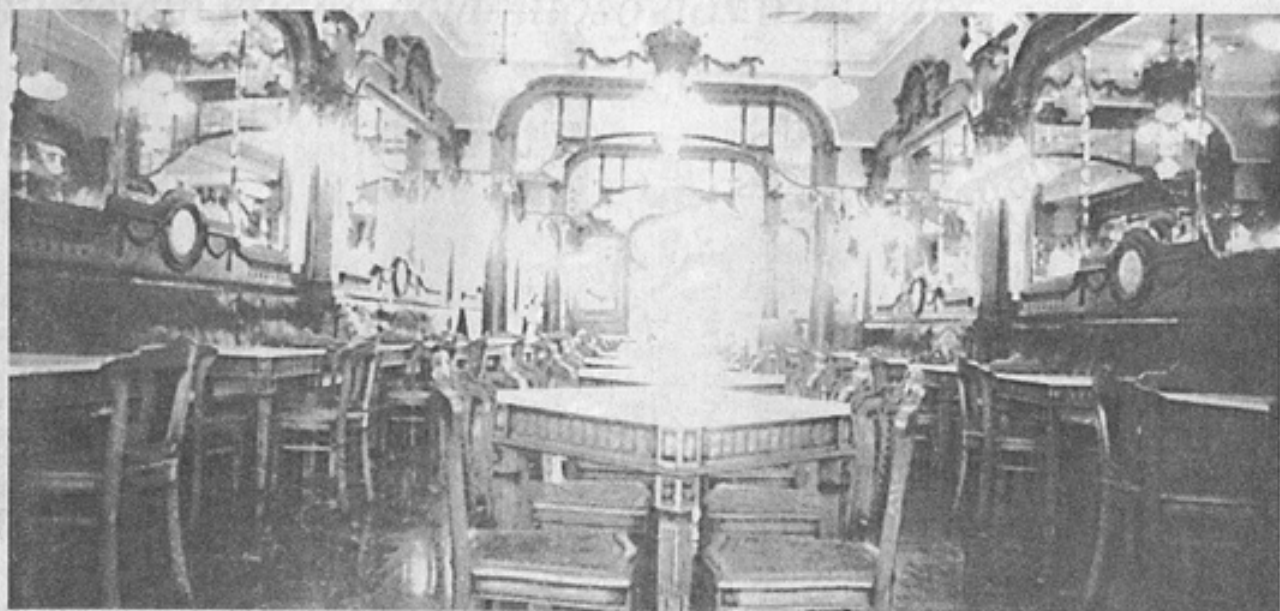
Há dois anos encerrou as suas portas para restauro geral. Na próxima sexta-feira, o velho "Majestic" reabre com o esplendor dos anos 20 e um toque "à belle-époque".

É um dos poucos cafés que restam no centro urbano da cidade. Passou por várias gerências nos últimos anos, foi considerado "imóvel de interesse público" pelo Instituto Português do Património Cultural, mas com o decorrer do tempo o espaço de cavaqueira e encontro da intelectualidade portuense perdeu o perfume e a atmosfera do passado.

Após dois anos de obras e uma longa espera pela autorização camarária ao projecto apresentado (que demorou três anos...) o "Café Majestic" voltou a renascer e a lembrar outros lugares de convívio como o "Guichard", o "Suisso" ou o "Lisboense" de boa memória.

Para o empresário Agostinho Barrias e um dos principais impulsionadores do restauro efectuado no interior do estabelecimento, as obras tiveram como objectivo fundamental restituir a traça arquitectónica do café e proporcionar aos portuenses a vivência e o esplendor dos anos 20.

"A nossa grande preocupação foi apenas e só recuperar a beleza arquitectónica do espaço e devolver à cidade um local que faz parte da sua



O interior do "Majestic": tal como nos anos 20 e com o perfume da "belle-époque".



Nas caves do bonito café, um piano e um bar vão atrair outros públicos.

memória", adiantou ao JN o sócio-gerente do "Majestic".

A empreitada não foi fácil. Para além dos projectos de remodelação completa de saneamento básico e electricidade, as obras compreenderam o restauro das fachadas exteriores e interiores, o fabrico de candelabros idênticos aos que existiam na inauguração (efectuada em 1921), mobiliário, sofás e pinturas que são o

testemunho de uma época onde existia tempo para conversar, trocar ideias e polemizar.

Como "tudo foi concebido e pensado na reposição dos anos 20" a gerência do "Majestic" tenta agora captar outros públicos e abrir as suas portas à animação cultural da cidade. Recitais de poesia, pequenos espectáculos de teatro e piano, café-concerto e exposições são algumas das ideias

que existem e que esperam o momento apropriado para ocorrer.

As obras foram orçadas em mais de 100 mil contos e, segundo Agostinho Barrias, "tudo foi executado com rigor e tendo sempre presente a época em que o café foi inaugurado ao público. Setenta anos após a sua abertura vamos criar um serviço novo e recriar as tertúlias do passado", adiantou ao JN o empresário do "Majestic".